# A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DAS TORCIDAS ACERCA DAS SUBJETIVIDADES DE JOGADORES DE FUTEBOL

ANA CLAUDIA RIBEIRO[1];
ADRIANA VINHOLI RAMPAZO2;
WILLIAM ANTONIO BORGES[3];
VANIA ANTUNES DOMINGUES DA COSTA[4]

[1]*Universidade Estadual de Maringá – ribeiro.ac.1990@gmail.com*
[2]*Universidade Estadual de Londrina – arampazo@uel.br*
[3]*Universidade Estadual de Maringá – waborges@uem.br*
[4]*Universidade Estadual de Maringá – vadocos@gmail.com*

**Resumo**
O presente estudo compreende o futebol como um fenômeno sociocultural, econômico e político que ultrapassa sua dimensão esportiva. Nesse contexto, o jogador profissional é reconhecido como trabalhador, com vínculo empregatício regulamentado pela Lei Pelé e pela legislação trabalhista brasileira. A pesquisa tem como objetivo desvelar os discursos de torcedores que participam da constituição das subjetividades dos jogadores de futebol. Trata-se de uma investigação qualitativa e descritiva, baseada em entrevistas semiestruturadas e análise documental. A interpretação dos dados foi realizada por meio da Análise Crítica do Discurso, fundamentada na Teoria Social do Discurso de Fairclough. A pesquisa adota a concepção de sujeito discursivamente constituído, conforme Butler e Foucault, entendendo o discurso como prática social produtora de significados e realidades. Os resultados evidenciam categorias discursivas presentes nas falas dos torcedores que influenciam direta e indiretamente os processos de subjetivação dos atletas.

**Palavras-chave:** discurso; subjetividade; futebol.

**A construção discursiva das torcidas acerca das subjetividades de jogadores de futebol**

## INTRODUÇÃO

O futebol é considerado um fenômeno que transcende sua característica substantiva atribuída pelo dicionário. Consequentemente, o induz a assumir um papel social, com função política e ideológica, ao posicioná-lo como um fenômeno sociocultural e econômico que influencia e é influenciado pelas "condições sociais, econômicas, políticas e culturais" (Abal & Lodi, 2021, p. 1; Vejmelka, 2018). Bem como, possui uma robusta legislação garantido o *status* de trabalhador regulamento por lei ao jogador de futebol profissional.

A relação trabalhista desses jogadores é complexa, mas, em todo caso, são considerados trabalhadores no sentido mais amplo da palavra, bem como são inscritos por meio de um contrato especial de trabalho desportivo regido pela Lei Pelé (Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998). Esse contrato possui natureza transitória, com prazo determinado assim como com cláusulas específicas, como, por exemplo, a cláusula indenizatória e a compensatória desportiva. Os requisitos essenciais do vínculo empregatício, expressos no art. 3º da Consolidação das Leis de Trabalho (CLT), sendo eles: a pessoalidade, a subordinação, a

onerosidade e habitualidade. Porém, existem algumas flexibilizações no que tange os temas de jornada de trabalho, remuneração, entre outras (Barbosa, 2025).

Assim, ao investigar a relação da subjetividade e o trabalho quanto prática social delimitamos, para o presente artigo o objetivo de desvelar os discursos dos torcedores que subjetivam os corpos dos jogadores de futebol. Assim, trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter descritivo. Metodologicamente a construção de dados se deu a partir de entrevistas semiestruturadas e análise documental e a interpretação dos dados foi por meio da análise crítica do discurso (ACD) a partir da concepção tridimensional do discurso da Teoria Social do Discurso de Fairclough.

A partir dessa perspectiva entende-se o sujeito como discursivamente constituído (Butler, 2022). Uma vez que, o discurso é compreendido como uma prática social que constrói e constituí a realidade por meio se significados coletivamente desenvolvidos (Fairclough, 2016). Nesse sentido, por meio dos discursos dos torcedores pode-se encontrar algumas categorias discursivas quem impactam direta e indiretamente no processo de subjetivação, ou seja, nas subjetividades dos sujeitos enquanto jogadores de futebol.

Portanto, essa investigação busca contribuir com a materialização desses discursos na subjetividade dos jogadores de futebol, assim como desvelar alguns discursos que se pautam em micro violências, para assim, em sociedade, refletirmos a posição do jogador de futebol enquanto um trabalhador e as relações de poder instituídas nesse processo.

## A ESTRATÉGIA DO JOGO

Este estudo se caracteriza como sendo teórico-empírico que adota uma perspectiva pós-estruturalista de natureza qualitativa e caráter descritivo. Desta forma, a construção dos dados do *corpus* desta investigação se deu em um bar da cidade de Londrina - PR, considerado um dos mais antigos da cidade, com mais de 75 anos de história, bem como uma referência para assistir partidas de futebol.

Assim, utilizamos como técnica, para essa construção, a entrevistas semiestruturadas na qual foi usado, como um instrumento, um roteiro composto por seis (6) questões norteadoras são elas:

1. Para você, o que é ser torcedor?
2. Para você, o que é ser jogador de futebol?
3. Qual é a relação desenvolvida entre o torcedor e o jogador de futebol?
4. Para você, o torcedor pode influenciar o jogador de futebol?
5. Por que o torcedor influencia o jogador de futebol?
6. Como o torcedor influencia o jogador de futebol?

Optamos pela entrevista semiestruturada uma vez que essa técnica nos permite "descobrir o significado da vida de uma pessoa ou parte da vida" (Janesick, 2014, p.302). Consequentemente, nos permitindo construir, a *posteiori*, categorias discursivas de acordo com a atribuição de significados relativos ao objeto da pesquisa. Também nos utilizamos da análise documental a fim de subsidiar a interpretação desse *corpus* de pesquisa, essa etapa se seu a partir de documentos publicados na internet, como reportagens, vídeos, *YouTube*, postagens no *Instagram*, *TikTok* e *X*.

Para a aplicação das entrevistas seguimos os seguintes passos: solicitação ao responsável pelo estabelecimento uma autorização inicial (1), a abordagem de potenciais participantes, logo, realizamos a apresentação da pesquisadora e da pesquisa (2), com o aceite

em participar realizávamos a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido[1] (TCLE) (3), logo, a assinatura da TCLE (4) e por fim dávamos prosseguimento a entrevista (5). Vale ressaltar que as entrevistas foram gravadas em um aplicativo gravador do celular iPhone 15, com o sistema iOS 26. Para transcrição foi utilizado o site de inteligência artificial (IA) Assemblyai (assemblyai.com/ playground) com posterior revisão por parte da pesquisadora, a fim de analisar alguns aspectos das entrevistas que a IA não realiza, tal como pausas prolongadas ou suspiros profundos, por exemplo.

Foram realizadas no total 11 entrevistas, com 14 participantes. Os critérios adotados para a participação na pesquisa foram: ser maior de 18 anos e se identificar como torcedora/torcedor. Assim, desses 14 participantes 7 eram mulheres e 7 homens de idades e de torcidas diferentes.

Para a interpretação desses dados foi utilizado como método de análise a análise crítica do discurso (ACD) a partir da concepção tridimensional do discurso da Teoria Social do Discurso elaborada por Fairclough. A aplicação desse modelo se deu por compreender o discurso como uma prática social pelo qual construímos e constituímos a realidade tal qual conhecemos (Fairclough, 2016).

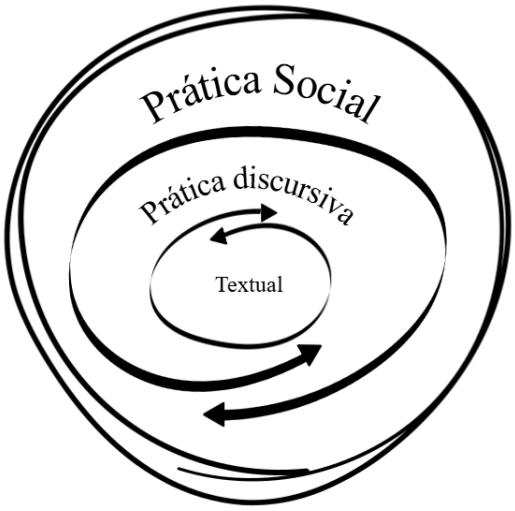
## A INTERPRETAÇÃO DO JOGO

Deste modo, não cabe mais pensar o discurso meramente como um jogo de signos e significantes, pois, como expõe Magalhães (1986), a idealização da vida social por meio de normas, assim como a prática enquanto ações reais e observáveis não são mais suficientes para explicar o discurso por si só. Logo, como defende a autora, o discurso deve ser compreendido a partir de uma relação dialética entre ambos os domínios, o da norma e o da ação. Por conseguinte, essa concepção vai ao en0contro da proposta por Fairclough (2016, p.95) ao definir o discurso como sendo uma prática social, haja vista que "contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta e indiretamente, o moldam e o restringem [...] é uma prática, não apenas de representação de mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado".

Conforme essa perspectiva, Fairclough (2016) desenvolve sua concepção tridimensional do discurso a fim de explicar didaticamente sua compreensão acerca do discurso enquanto prática social. Logo, tal conceito é representado por um diagrama (figura 1) que conta com três dimensões sendo elas a textual, a prática discursiva e a prática social, de acordo com a figura (figura 1) abaixo:

[1] Aprovado pelo Comitê de Ética da UEL, com o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) número: 90190125 .0.0000.5231.

Figura 1 - Concepção Tridimensional do Discurso




Fonte: adaptado pelos autores a partir do diagrama idealizada por Fairclough (2016, p.105)

Como podemos observar no diagrama (figura 1), Fairclough (2016) busca integrar três tradições analíticas que julga indispensáveis para uma análise crítica do discurso, bem como para suportar as dimensões propostas pelo autor em seu modelo tridimensional do discurso, sendo elas…

> a tradição de análise textual e linguística detalhada na Linguística, a tradição macrossociológica de análise da prática social em relação às estruturas sociais e a tradição interpretativa ou microssociológica de considerar a prática social como alguma coisa que as pessoas produzem ativamente e entendem com base em procedimentos de senso comum partilhados (Fairclough, 2016, p.104).

Desta maneira, podemos pensar esse diagrama (figura 1) a partir dessas tradições como dimensões distintas, mas que se integram constantemente, como constatamos com as setas e as delimitações dos círculos de cada dimensão semiabertas (figura 1), resultando no discurso enquanto prática social. Assim, a dimensão textual é tida como fundamentalmente descritiva e com foco na organização linguística (Ribeiro, Marchiori & Vilaça, 2010). Sua análise se dá a partir da análise do vocabulário, da gramática, da coesão e da estrutura textual que é empregada ao longo da construção do discurso que interage com as demais dimensões (Fairclough, 2016).

No que tange à prática discursiva, adentramos na dimensão em que a produção, distribuição e o consumo textual estão envolvidos. Expressando, desta forma, a natureza variada desses processos que se diferem entre tipos de discurso e se apresenta de acordo com a necessidade dos fatores sociais presentes no contexto. É nessa fase que as "dimensões 'sociocognitivas' específicas de produção e interpretação textual" são interiorizadas e naturalizadas de forma inconsciente e automática no momento de processamento textual e atribuição de sentido e significado (Fairclough, 2016, p. 113).

Enquanto a dimensão da prática social, para Fairclough (2016), explora o poder ao desvelar aspectos ideológicos — ou seja, significações da realidade que são constituídas a partir das demais constituições a fim de transformar as relações de dominação — assim como aspectos

hegemônicos — que se refere ao exercício da dominância das estruturas e das relações sociais — que são centrais a ACD.

## O ATO DE TORCER

Quando analisamos gramaticalmente a palavra "torcer" a classificamos como um verbo, ou seja, uma ação, segunda as normas cultas que regulam a língua portuguesa. Bem como, segundo as normas de regência, pode ser entendida como um verbo transitivo (direto e indireto), intransitivo e pronominal. Por conseguinte, a relevância da regência se expressa no processo de constituição e construção das relações de sentidos estabelecidas e empregadas no discurso sobre a palavra "torcer" (Cunha & Cintra, 2016).

Nesse sentido, trabalharemos o "torcer" como um verbo em seu sentido transitivo indireto. Ou seja, transitivo, pois "o processo verbal não está integralmente contido nela, mas se transmite aos outros elementos" e indireto porque a ação expressada pelo verbo torcer — no sentido utilizado nesta pesquisa — "transita para outros elementos da oração [...] indiretamente, isto é, por meio da preposição [que dá ao] termo da oração [a complementação do] sentido de um verbo transitivo indireto" (Cunha & Cintra, 2016, p.150).

Inicialmente, como colocado por Oliveira (2018, p. 88), de acordo com o contexto empregado no Brasil, o verbo "torcer" carregou em si primeiro o significado de práticas que indicavam "um movimento de modificação no corpo de um objeto, ou, por analogia, na moralidade, caráter ou sexualidade de uma pessoa, ou grupo de pessoas". Entretanto, atualmente, há quatorze (14) significados que são atribuídos ao verbo torcer, segundo o dicionário Priberam (2008 - 2025). Porém, nos debruçaremos sobre o nono sentido que corresponde a ação de "dar apoio a ou esperar resultado positivo de (ex.: estamos a torcer por ti)".

Assim, identificando as vozes das arquibancadas como os torcedores que têm como ação o "torcer". Quando pensamos na palavra "torcer", ao menos no universo esportivo, nos vem à mente aqueles atores sociais que ecoam suas vozes e sentimentos a partir das arquibancadas, os torcedores. Logo, esse ator social pode ser classificado, gramaticalmente, como um adjetivo e/ou substantivo masculino e pensando no contexto brasileiro, como especifica o dicionário Priberam (2008 - 2025), sendo "[Brasil] que ou quem é apoiante de esportista, ou de equipe de esporte = ADEPTO".

Deste modo, o torcedor, passou a ser compreendido como um sujeito apaixonado por uma equipe (time), que se coloca em uma posição de fidelidade às cores e ao escudo dessa equipe, um sujeito que executa o ato de torcer (Alino-Silva, 2019). Sujeitos que se identificam com algo, nesse caso clubes de futebol, e acabam por desenvolver sentimentos tal qual cólera, calma, amor, ódio, temor, vergonha, inveja, entre outros.

Consequentemente, sujeitos que carregam consigo o peso que lhe é atribuído devido à sua alta carga emocional, de dores, de experiências, comportamentos, entre outros aspectos que o caracterizam (Coutinho, 2023). Como percebemos na fala de Gustavo ao dizer que: "tipo, eu torço. Às vezes, eu queria até ser menos torcedor, assim, ficar **menos puto** quando meu time perde, ficar, tipo, **menos preocupado**, **menos ansioso**, mas é uma coisa assim que você meio que não escolhe [...] aconteceu naturalmente".

Esses elementos que envolvem o ato de torcer são aspectos que os impulsionam a acompanhar e incentivar seu time de "coração". Algumas vezes, até os aderir de modo incondicional ao estabelecerem vínculos afetivos de pertencimento clubístico (Theobald et al.,

2020; Batista & Abrahão, 2022). Percebemos tal movimento a partir das respostas acerca da pergunta sobre o que é ser torcedor, como podemos constatar nas falas abaixo:

> Ser torcedor é [...] é uma **paixão**. Eu não sei de onde surge essa **paixão**, pode ser de pai para filho, pode ser sei lá. […] mas é uma coisa, assim, que você não sabe explicar. [...] Então, ser torcedor é você ter disposição para acompanhar algo que talvez nem te dê retorno nenhum, a não ser tipo questão de ser feliz quando ganha, [...] ter um tempo, tipo, separar um tempo para acompanhar ele em tudo, assim, notícias, jogos e ir no estádio. E ser torcedor é uma paixão que você não consegue explicar [...] (Gustavo).

> Eu acho que é bem **irracional**. Nossa, é meio, tipo… Vai além do… Não sei, cara. Vai além dos **sentimentos**. É muito bizarro [...] é uma parada de **afetar o emocional** (Camila).

> É **fazer parte** de uma comunidade. É fazer parte de uma... De um grupo de **pertencimento**, entende? Toda vez que eu vou no Maracanã e desço a rampa do Maracanã após o jogo, eu fico um tempo **curtindo os** meus ali, entende? Então é isso, torcedor, para mim, é quase uma coisa... Eu não gosto de falar que é quase uma religião, não, acho que não tem a ver com isso […] (Everton).

A partir desses trechos, constatamos como o torcedor materializa, por meio de seu discurso, o sentido de ser torcedor e do torcer. A primeira materialidade parte da dimensão textual ao nos mostra, a partir de uma análise gramatical, que o ato de torcer precisa transitar por uma preposição para chegar ao objeto indireto. Ou seja, para torcer precisa-se de "sentimento", da "paixão", do "pertencimento" e de "curtir os seus" para que a ação de "dar apoio" chegue ao "jogador", assim, estabelecendo uma construção de sentido ao verbo torcer. Assim, estabelecendo a seguinte relação (figura 2):

Figura 2 – A relação do torcedor com o torcer e o jogador

| SUJEITO + VERBO + PREPOSIÇÃO + OBJETO |
| --- |
| TORCEDOR + TORCER + SENTIMENTO + JOGADOR |

Fonte: autoria própria (2026).

Consequentemente, como um verbo o torcer é uma ação, ao observamos os discursos dos participantes, percebemos como eles, ao se colocarem como torcedores, se utilizarem da voz ativa, assim, se colocando no papel de executores dessa ação. Ou seja, de apoiadores que possuem a "disposição para acompanhar algo [...] separar um tempo para acompanhar ele em tudo [...] notícias, jogos e ir no estádio". Bem como se colocam como um sujeito apaixonado, que a ação "vai além dos sentimentos", que é uma ação "irracional" que gera uma ampla gama de sensações, até a de pertencer a um grupo aos "seus".

Ao observamos a dimensão da prática discursiva observamos indícios da reprodução e disseminação desse discurso de ser torcedor, a partir da fala de Gustavo: "eu não sei de onde surge essa **paixão**, pode ser de pai para filho, pode ser sei lá", bem como na de Camila que diz que: "[...] cresci com vários primos homens. E a gente sempre brincava de futebol e assistia futebol. Então, eu acho que veio disso. Mas eu torço para o Corinthians e eles torcem para outros times".

No entanto, a fala da Camila ainda nos revela a sua dimensão enquanto prática social ao desvelar a ideologia e hegemonia do discurso machista e patriarcal inseridos no universo do

futebol (Pinto, 2014). Corroborando essas estruturas desveladas a fala de Jéssica cita a influência de Marcelo, seu namorado, no seu devir torcedora ao dizer que "foi influência dele (aponta a Marcelo). Eu não imaginei que fosse gostar tanto depois", ou na fala de Tamires ao dizer que: "meu tio jogou no Londrina na década de 50, eu acho, e meu sempre acompanhava [...] então, acho que eu nasci inserida no futebol". Constatamos que as referências de influência das mulheres em seus devires torcedoras se remetem a uma figura masculina, seja pai, tio ou namorado.

## A RELAÇÃO ARQUIBANCADA E CAMPO

Além dessa relação discursiva, enquanto prática social, entre o torcedor e o torcer, explorada na seção anterior, ainda há a instância das relações do poder que permeiam, constituem e constroem essas relações de poder. Pois, conforme Toledo (2010, p.177), "o universo espetacular e especular do torcedor de futebol pode ser compreendido como uma espécie de prisma por onde milhões de aficcionados[2] projetam e refratam infinitas frações de si mesmos uns sobre os outros". Refratações essas, que são projetadas sobre os atletas e acabam estabelecendo um conjunto deôntico de condutas que os moldam enquanto jogadores de futebol, permitindo a emergência dos jogadores de futebol enquanto sujeito, bem como de suas resistências (Butler, 2022).

Nesse sentido, percebemos que essas relações de poder se operaram diante as possibilidades que se inscrevem nos comportamentos dos sujeitos, uma vez que as relações de poder "incita, induz, desvia, facilita ou torna mais difícil, amplia ou limita, torna mais ou menos provável; no limite, ele coage ou impede absolutamente, mas é sempre uma maneira de agir" (Foucault, 1995, p. 243). Por conseguinte, compreendemos a relação de poder como sendo, segundo Foucault (1995, p. 240), "um conjunto de ações que se induzem e se respondem umas às outras" ao serem exercidas mediante a produção e articulações dos sentidos e signos atribuídos, assim, promovendo as infinitas frações de si memos refratados dos torcedores entre eles e sobre os jogadores.

Essas relações não estão totalmente ocultas tão pouco completamente expostas, mas são percebidas em diferentes graus como podemos observas nas respostas abaixo:

> ela [Jéssica] vai saber te falar melhor em termos psicológicos assim [...] Tem um peso muito grande do apoio e da crítica né?! Então, quando os jogadores estão indo bem à torcida apoia e quando ele tá mal a torcida crítica eles estão uma influência total, né?! Psicológico, assim (Marcelo).

> hoje em dia as redes sociais, elas acabam ditando alguns comportamentos, entende? Existem jogadores, existem pessoas, artistas que não veem redes sociais para não serem influenciados. Mas a grande maioria tem rede social e acho que acaba influenciando, entende?[...] Dizem que o Twitter é muito... é muito depreciativo, é muito negativo [...] um Gabigol da vida, que acaba fazendo um monte de merda no Flamengo, ele recebe muitas críticas e acaba pedindo desculpa ou tendo comportamento pensado em relação às críticas que recebem dos torcedores pela rede social (Everton).

Ao passarmos a interpretar essas respostas, podemos observar a efetivação da relação (figura 2) entre os atores sociais ao nível do discurso enquanto prática social. Assim, a dimensão

[2] Torcedores.

textual passa a ser expressa pelos participantes como agentes da ação, pois como podemos observar a torcida grita, apoia e crítica, ou seja, proteja algumas das infinitas frações de si mesmo nos jogadores que ficam acuado ao recebe as críticas, logo, os influenciado tanto nos gramados como fora deles, ou melhor, os subjetivando. Logo, evidencia-se uma estruturada organizada e pautada em conectores que desvelam suas estruturas de causalidade que moldam e restringem comportamento tanto dos torcedores quanto dos jogadores.

Outro aspecto das respostas interpretadas nos traz o uso repetitivo da palavra "muito" como um advérbio de intensidade, assim, assumindo o papel de intensificador ora de um verbo e ora de um adjetivo. Contudo, esse intensificar com o advérbio acabar modificando o verbo ou o adjetivo que acompanha (Cunha & Cintra, 2016). Por conseguinte, o "muito" se converte em um demarcador da subjetividade com cunho avaliativo. No que tange à dimensão da prática discursiva, esses intensificadores têm o intuito de não apenas realizar a narração do fenômeno, mas incutir um valor qualificador. Bem como essa causalidade subjetiva, nos remete a um desencadeamento "natural" de causa e efeito, vide a figura (figura 3) abaixo:

Figura 3 – Desencadeamento de causa e efeito do torcer

| **os jogadores jogam mal** → a torcida crítica → *afeta o psicológico dos jogadores* |
|---|

Fonte: autoria própria (2026).

Desta forma, a construção desses desencadeamentos se sustenta nas experiências e percepções subjetivas vivenciadas pelos torcedores que são projetadas nos jogadores. Reforçando, assim, os papéis sociais performatizados tanto por torcedores quanto por jogadores. No entanto, salientamos que esses papéis não são estáticos, pois estão em constante negociação ao se articularem e rearticularem, como constatamos na resposta do Marcelo ao colocar a Jéssica em um espaço de possuir uma propriedade pautadas em saberes legitimados pela dos aspectos psicológicos para tecer comentários mais apropriados.

Neste sentido, ao realizar a ACD nas entrevistas acabamos estabelecendo oito (8) categorias discursivas expressadas pelos participantes da pesquisa ao longo de suas respostas. Categorias essas que, de certa forma, estão envolvidas nos processos de subjetividade dos jogadores ao longo de suas vidas. Estão, constantemente, travando lutas por meio as relações de poder em que os corpos desses jogadores se transforam em campos onde essas disputas ocorrem.

## O JOGO DISCURSIVO QUE CONSTITUI

Ao pensarmos no discurso que constitui, me pergunto o que será constituído. Como o foco desse estudo é o sujeito, investigaremos o sujeito jogador de futebol constituído pelos discursos produzidos e reproduzidos, articulados e rearticulados pelos torcedores. Uma vez que, como sustenta Butler (2022, p.19), "o sujeito é a ocasião linguística para o indivíduo atingir e reproduzir a inteligibilidade, a condição da existência e ação".

Assim, e autore[3], Butler (2022, p.13), dialoga com Althusser ao colocar o sujeito social como sendo produzido por meio dos meios linguísticos, bem como complementa ao dialogar com Foucault ao expor que "o sujeito não ganha existência por ser 'dito', e que as matrizes de

[3] Utiliza-se a linguagem neutra para se referir e Butler a fim de se respeitar o posicionamento delu frente a "identidade de gênero" ( The Guardian, 2021).

poder e discurso que constituem o sujeito não são singulares e nem soberanas em sua ação discursiva.

Nesse sentido reconhece-se que o discurso e o poder o constituem, o subjetivam, mas não o determinam, pois há uma infinidade de discursos o atravessando e o influenciando em sua subjetividade. Desta forma, desvelamos oito (8) categorias discursivas que estão envolvidas no processo de construção de sentido sobre o ser jogador de futebol a partir da perspectiva dos torcedores, ou seja, oito (8) discursos que estão atravessando esses sujeitos e duelando para assujeitá-lo, porém ele pode se submeter ou resistir. Esses discursos observar na figura 4, como vemos a seguir:

Figura 4 – A atuação dos discursos dos torcedores sobre os corpos dos jogadores de futebol




Fonte: gerado pelo ChatGPT versão GPT-5.5 (OpenAI), em 24 de maio de 2026

Esta figura 4 ilustra como as relações de poder atuam de forma prismática por meio do discurso dos torcedores nos corpos dos jogadores de futebol. Discursos que estão em constante batalha, assim, utilizando os corpos desses jogadores como arenas que os assujeitam, bem como geram resistência. Que se articulam e rearticulam a fim de subjetivar esses sujeitos as normas que moldam socialmente como "ser um jogador de futebol".

Os discursos são, como podemos constatar na figura 4: corpo máquina perfectível (1), ídolo/heróis (2), corpo produtivo (3), entidade moral (4), jogador regulado (5), estigma do engessamento social (6), jogue como homem (7) e atleta celebridade (8). Esses discursos não atuam separadamente, pelo contrário, eles atuam constantemente e ao mesmo tempo nesse processo de constituição da subjetividade dos ao atletas ao subjetivá-los, pois a subjetividade "resulta de um entrecruzamento de determinações coletivas de várias espécies" (Guattari; Rolnik, 1996).

*CORPO MÁQUINA PERFECTÍVEL*

Esse discurso se constitui a partir de uma compreensão acerca do atleta pautada somente por um conjunto de sistemas fisiológico, forjado a partir do contexto mecanicista, assim, o reduzindo a um sistema mecânico. Ao realizar essa redução passamos a definir os jogadores

com uma máquina perfectível, capaz de alcançar seu rendimento máximo de manipulação de técnicas cientificamente validadas (Galak, Zoboli & Saliba Manske, 2020).

Esse discurso não é reproduzido apenas pelos profissionais da área esportiva, mas também pela torcida como observamos nesse *post* publicado na rede social *X* (figura 5), logo abaixo:

**Figura *5* -** Cristiano Ronaldo, o primeiro robô português.




Fonte: @OFuraRedes (2021).

Este post do *X* (figura 5), nos evidencia um processo de metaforização do Cristiano Ronaldo (CR7) em máquina, tanto ao compará-lo a um robô quanto ao utilizar uma foto em que sua feição humana se fundindo com a de um robô. Como consequência, o reduzem a uma máquina, uma vez que seus resultados são excepcionais, ou seja, capaz de alcançar seu rendimento máximo. Ao fazer essa metáfora alguns elementos são excluídos da equação, como a subjetivo, naturalizando, assim, um processo de desumanização do sujeito jogador ao igualá-lo a um objeto. Desta forma, a partir de um discurso mecanicista, legitimado pela, as cobranças desses resultados excepcionais acabam ultrapassando certos limites, esquecendo o jogador não é realmente essa máquina, mas um ser humano, como podemos observar por meio das respostas abaixo:

> em primeiro lugar, ele é um **ser humano** como qualquer outra pessoa, e isso vai desgastando o cara [...] no meu ver, parei um pouco e falei, pô, o cara é um **ser humano** [...] atrás de um certo jogador, uma pressão grande por ser jogador, tem que ser humano (Carla).
>
> eu acho que muito torcedor ultrapassa o limite de **humano** dum jogador. Sabe, independente de qualquer coisa ele ainda é um **ser humano** (Tamires)

Essa repetição do termo "ser humano" evidencia o quanto está naturalizado esse discurso do jogador máquina no cotidiano do torcedor, afinal, "ele ainda é ser humano" por mais que o metaforismo, excessivamente utilizado, o objetifique e o transforme em um "robô", ainda há um processo de subjetivação do sujeito jogador de futebol nesse "ser humano".

*ÍDOLO/HERÓI*

Como dito anteriormente, os discursos não estão atuando sozinhos, mas entrelaçadas, estabelecendo uma idealização do que é "ser um jogador de futebol" na perspectiva do torcedor. Consequentemente, os conduzindo a estabelecer um conjunto de expectativas que se convertem em prescrições que esse jogador deve seguir.

Assim, nesse momento iremos desbravar a narrativa do ídolo/herói. Desta maneira, observamos um discurso alinhado a "aura" do atleta de alto rendimento. Essa "aura" se dá por meio de um discurso que prescreve as normas de um ídolo-herói. Esse discurso se fundamenta na concepção do herói clássico, visto que a ênfase de sua história reside nos momentos tidos como de superação e grandes conquistas, como resultados de seus esforços, assim como de sua determinação e obstinação no decorrer de sua história enquanto herói (Helal, 2003). Assim como podemos observar pelo relato a seguir:

> Porque o Zico é um dos ídolos que tem uma conduta dentro e fora de campo muito correta. Ele é muito justo. Ele é um líder. O Zico é admirado por todos os jogadores da geração dele. É fácil gostar do Zico. [...] O Zico é uma pessoa admirável. É um vencedor e é uma pessoa admirável (Everton).

Ao interpretarmos esta fala, constatamos que o Zico, é posicionado como o **sujeito central** dessa frase. Pois o retratado, predominantemente, o qualifica por meio de vários predicados nominais expressados, ao longa da construção das orações, por adjetivos que o caracterizam como "um líder". Outro aspecto relevante nesse mesmo trecho é o uso do recurso da voz passiva ao dizer que "o Zico é admirado por todos os jogadores da geração dele", assim Zico é colocado como o sujeito que está sofrendo a ação de ser admirado por todos os jogadores da geração dele, ação que reforça o seu *status* e o seu reconhecimento frente a um coletivo, reforçando sua essência e naturalizando na memória coletiva essa característica do Zico atleta.

No que tange à dimensão discursiva, notamos que esse discurso é amplamente estabilizado no imaginário coletivo, consequentemente, disseminado intensivamente pelos mais diversos veículos de comunicação, mas também pelos torcedores. Discurso esse que reflete a obediência a um conjunto de normas socialmente prescritas que consideram os qualificadores atribuídos a ele como a esperado de um ídolo. Afinal, são essas normas que moldam e restringe tanto as expectativas do torcedor quanto a subjetividade do jogador, como defende Foucault (1995; 2014) ao colocar as normas como um dos poderes operado pelas relações de poder que nos atravessam por meio dos discursos.

Todavia, quando olhamos para a prática social, desvelamos uma forte base moral calcada na meritocrática e de afeto sobre como se constitui um jogador ídolo/herói. Constatamos tal movimento no relato de Everton ao se referir a Romário como sendo "difícil gostar do Romário, que é um **canalha**. Mas é um puto jogador, mas é um **canalha**". Evidenciando, assim, que para ser ídolo/herói não basta ser um grande jogador tecnicamente, há que se ter uma conduta moral ilibada aos olhos do torcedor, ou seja, há que ser moral no que eu compreendo como moral.

Outra característica que exalta esse discurso, como ressalta Helal (2003), é a associação de predicados considerados típicos da sociedade brasileira para além do construído a partir da construção clássica. Deste modo, o torcedor brasileiro carrega consigo todas essas representações e significados do herói clássico (superação, conquistas, determinação, extrapolar limites, entre outros). No entanto, a 61 ênfase das conquistas, segundo os discursos, reside em características que os compreende socialmente como tipicamente brasileiras, tal como

a “genialidade”, a “irreverência” ou a “malandragem”, que passam a constituir o discurso que transforma os jogadores brasileiros em ídolo/herói (Helal, 2003, p.28).

*CORPO PRODUTIVO*

O discurso acerca do corpo produtivo é conceituado por Foucault (2014), como um corpo que é organizado, ou seja, disciplinado com o intuito de ser útil, produtivo, obediente e dócil na ordem capitalista em vigência. Disciplinado, porque é por meio das técnicas disciplinares que o controle minucioso das operações do corpo é possibilitado, assim, sendo realizado a partir do momento que o corpo é assujeitado às forças que o impõe uma relação de docilidade-utilidade.

Deste modo, Foucault (2014, p. 135) coloca a disciplina como uma técnica “que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar suas sujeições, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil”. Tal relação escancara a “mecânica do poder”, não mais do corpo enquanto biológico, mas como um mecanismo (discurso do corpo máquina perfectível) que possibilita ter domínio sobre o corpo de terceiros.

Nesse discurso não se visa a imposição, mas a persuasão. Visa, na realidade, que o corpo opere como gostaríamos que operasse por meio das técnicas disciplinares, como observamos no relato a seguir:

> hoje em dia, eu vejo como uma profissão de alta performance mesmo. Assim, de restrições, de você estar condicionado para o seu propósito profissional e aí você abdica de partes de uma vida social, eu diria, assim, de ter uma alimentação regrada, você tem que ter uma alimentação regrada. Você **tem que ter** disciplina diária em treinos, então eu acho que é alta performance, seria isso, uma profissão de alta performance (Thaís).

A expressão “tem que ter” nos revela uma estrutura gramatical denominada deôntica, uma vez que é amplamente utilizado para atribuir uma lógica de obrigação (Casimiro, 2007) de, nesse caso, ser disciplinado diariamente. As escolhas lexicais como “alta performance” recorre a uma linguagem mais técnica, assim, evocando uma sustentação do discurso mecanista que sustenta uma estratégia de legitimação. Logo, a utilização de modais deônticas e as escolhas lexicais mais técnicas busca enfatizar um discurso sobre o ato de ser jogador remeter a uma atividade que regula o corpo e é marcado pelas técnicas disciplinares. Estabelecendo, assim, uma lógica resultadista, que pauta, classifica e categoriza o atleta segundo o que o seu corpo produz e conforme essa produção atende as regras e as expectativas dos torcedores.

*ENTIDADE MORAL*

Apesar da interpretação dos discursos não estar sendo em forma de texto corrido, notamos como se conectam. Por ser um aspecto recorrente nos discursos, estabelecemos a “entidade moral” como uma categoria de discurso. Uma vez que a moral permeia a construção dos mais diversos discursos. Assim, quando interpretamos essas categorias o discurso se permeia de tensão dicotômica da vida privada *vs* vida profissional, por exemplo, como observamos nas seguintes falas:

> olha, eu trato o jogador diferente, eu…eu separo o jogo pra mim, pra mim como torcedor eu separo o jogador no campo, no jogo profissional e o pessoal. Tem jogador que eu sei que não presta, mas no campo eu quero que ele faça o trabalho dele, se ele jogar muito, fizer gol, vou torcer pra ele (Gustavo).

> ele joga pelo clube que você torce e não tem isso, não tem nada a ver eles são profissionais ali dentro do campo, no enquanto eles estão trabalhando pelo clube, mas no momento fora do horário de trabalho eles têm a vida pessoal deles, então o que ele vai fazer deixar de fazer ali é com ele (Marcelo).

Inicialmente, encontramos um filtro moral nesse discurso, exercendo uma função paradoxal, pois ao mesmo tempo que ele blinda também cobra o jogador. Na realidade esse filtro moral é encontrado em todos os discursos os permeando em intensidades diferentes, mas presentes. Como podemos encontrar na resposta de Gustavo ao identificar um marcador de hesitação quando ele afirma que "eu…eu separo o jogo para mim", assim, indicando que o Gustavo está negocia os sentidos comigo enquanto responde, revelando um posicionamento que não está totalmente estável. Ao produzir essa distinção explícita entre "o jogador no campo" e "o pessoal", construindo discursivamente duas identidades separadas — uma profissional e outra moral.

A negociação foi uma estratégia muito utilizada pelos participantes da pesquisa quando indagados sobre os limites acerca das cobranças e vigilância do torcedor sobre o jogador. Como notamos na expressão "tem jogador que eu sei que não presta" um forte senso de julgamento moral ao estabelecer uma hierarquia valorativa aos atletas por parte dos torcedores. No entanto, a hesitação e a negociação de sentido retornam nessa frase, ao suspender esse julgamento valorativo, o flexibilizando a partir do momento que o resultado positivo do corpo produtivo surge por meio a análise do desempenho esportivo desse jogador frente a concepção do torcedor, logo: "no campo eu quero que ele faça o trabalho dele". Ou seja, o discurso opera uma dissonância controlada, ao aceitar o jogador "moralmente ruim" desde que suas funções sejam devidamente exercidas de modo produtivo e positivo. Logo, quando Gustavo afirma que, apesar de tudo, torce para o atleta com a finalidade de que ele "faça gol", revela um mecanismo disciplinar que desumaniza e transforma o jogador em instrumento performativo, o objetificando ao metaforizá-lo e o converter em um objeto

*JOGADOR REGULADO*

Como discorrido no discurso do corpo produtivo e disciplinado, bem como o corpo enquanto uma entidade moral, avançamos para o corpo regulado. Como contatamos na resposta da Carla

> Então, a gente tem regras. Por exemplo, falando do Corinthians, que tem regras nas torcidas organizadas, que, por exemplo, tomou um gol, canta, vamos cantar, cantar mais alto, cantar, né? As torcidas organizadas, uma ao lado da outra, cantam mais alto ainda e continuam o incentivo até o final do jogo. Então, esse lado da torcida organizada é muito legal em relação ao incentivo ao torcedor.

Esse trecho apresenta como estratégia discursiva a descrição de algumas normas como algo internalizado quando diz que "a gente tem regras". Por exemplo, as expressões repetidas — "cantar, cantar mais alto" — reforçam a ideia de intensidade e produtividade do corpo dos

torcedores. Além disso, Carla adota uma avaliação positiva — "é muito legal" — que legitima o comportamento e produz uma representação valorativa da torcida organizada.

Contudo, tal ato não visa somente produzir um desempenho por parte da torcida, mas também em relação ao jogador. Assim, no que diz respeito à produção de expectativas normativas, são expressas mediante discursos que descrevem as torcidas organizadas — "continuam o incentivo até o final" — mesmo após levar gol, não é apenas a narração de um comportamento. É uma forma de expressas as expectativas sobre o jogador.

Assim, a dimensão da prática discursiva se legitima a partir da ideia de que: o jogador deve responder à intensidade do canto, logo, manter a performance apesar da adversidade, não desanimando. Consequentemente, produzindo um padrão normativo de comportamento para o jogador, ainda que indiretamente.

Instalando-se, assim, um regime de vigilância da torcida organizada frente ao coletivo regulado por suas regras — cantar mais alto no pior momento — estabelecendo-se uma vigilância afetiva e moral sobre o jogador. Logo, não apenas sobre o canto, mas o significado desse canto. Ao salientar uma resiliência da torcida de espera um comportamento espelhado do jogador, logo, o jogador deve ser, também, resiliente.

Nesse sentido, o "cantar" funciona como um dispositivo disciplinar que regula a conduta do atleta, mesmo sem ser expressamente dito. A torcida assume o papel de vigia na torre, uma vez que o olhar passa a ser constante, governando comportamentos dentro e fora do campo. Como resultado, compreendemos a governamentalidade exercida pela torcida a partir da concepção de panóptico invertido, ao articular a concepção de panóptico clássico, sinóptico e pós-panóptico.

O jogador, portanto, é subjetivado por esse discurso como responsável pela energia da torcida — uma forma do poder atuar invisivelmente, ao regular condutas e emoções. Outra forma de regulação por parte da torcida sobre o corpo do jogador é por meio do meme, como o verbalizado por Everton ao dizer: |"eu sou flamenguista. Eu me preocupo com a vida do Arrascaeta, se ele tá bem, se ele tá comendo bem, pelo amor de Deus, Arrascaeta".

Everton assume, nessa fala, que esse sentimento de pertencimento de ser flamenguista, o desperta o ato do cuidar ao se preocupar com o Arrascaeta, com a vida, o bem-estar e a alimentação deles. No entanto, ao utilizar o meme como recurso, assim, a estratégia discursiva regulatória se faz evidente. Haja vista que a preocupação real sobre esses aspectos da vida do Arrascaeta visa regular o seu corpo a partir de condutas mecanicistas. Enfim, mesmo diante do humor, o poder disciplinar continua implícito na resposta de Everton.

*ESTIGMA DO ENGESSAMENTO SOCIAL*

Ainda encontramos um discurso que também possui um viés regulatório que é o de mobilidade social. Esse discurso permeia a instância da vida e, como consequência, resultando em um discurso elitizado e naturalizado que legítima essa ascensão social por meio do futebol, como a única forma de se alcançar a mobilidade social. Bem como romantiza, como um aspecto do *status* de herói, ao superar "adversidades" da vida em um contexto capitalismo excludente. Como observamos nas seguintes respostas:

> ser jogador, primeiro você tem que gostar muito de jogar bola, gostar porque ao ponto de você querer ser profissional. No começo, óbvio, que você não envolve dinheiro, envolve você ganhar um dinheiro bom, ajudar sua família, que é o que a maioria dos jogadores faz. Mas o princípio de tudo, eu acho que é você gostar daquilo, você sentir prazer naquilo e de querer separar seu tempo

> de treinar, porque até você conseguir ser um jogador conhecido que ganha um salário bom, porque esses jogadores conhecidos que ganham bem é tipo nem dez por cento (10%) de todos os jogadores que existem tem outro jogador que ganha menos que um CLT em tipo, times bem pequenos aí (Gustavo).

> cara, mas eu acredito que é uma busca, que é uma saída pra uma classe social em sua predominância, sabe, de tentar mudar de vida e unir uma coisa prazerosa. De novo, a gente tá falando do esporte mais popular do mundo. Uma pessoa pode ganhar dinheiro de outras formas, mas eu acho que você unindo O futebol, você ganhar dinheiro do qual você gosta, eu acho que é uma coisa... Deve ser legal. Deve ser legal. Então eu acho que é uma forma de escape com uma... Na nossa situação, no nosso país, para uma mudança de classe social. Eu acho que é isso (Everton).

> Eu acho que ser jogador de futebol é uma coisa muito mais complicada do que é retratada, porque a gente tende a avaliar o jogador de futebol com base no que a gente espera que ele seja, só que no fim das contas ele é um profissional de uma atividade com uma duração muito curta [...] O grande núcleo familiar dele, depende muito do que ele ganha de dinheiro num período muito curto da vida dele. Então eu acho que ser jogador de futebol... É uma responsabilidade grande para uma pessoa que, em 99% dos casos, é imatura emocionalmente e intelectualmente (Diego).

Os trechos acima partem do pressuposto de que a grande parte dos jogadores de futebol pertençam a uma realidade de vulnerabilidade social e que veem no futebol a única saída possível de ascenderem socialmente. Visto que, o futebol, como os demais esportes, está inserido em uma sociedade estruturada a partir das lógicas capitalistas, logo, a partir desse aspecto, conforme afirma Pimenta (2020, p.154) ...

> [...] observou-se que era possível que os negros ascendessem por meio do esporte, essa ideia também se popularizou para seus similares. Tudo começa com um sonho e uma ideia de superação por meio do esporte: a meritocracia ainda é preponderante [...]. Isso faz com que muitos garotos - geralmente, negros e pobres - ao observarem a idolatria em torno de craques que vieram de origens semelhantes.

Criou-se, assim, o "mito" da ascensão social por meio do esporte. Logo, explicitando discursivamente as escolhas do Gustavo, por exemplo, ao diz que "você [jogador] ganhar um dinheiro bom, ajudar sua família", bem como se torna o sustento e a fonte de renda de sua família. Quando Everton fala sobre "tentar mudar de vida", essa frase se torna um dos pilares do "mito da ascensão social" que circula até hoje em dia. Gustavo complementa ao expressar que: "eu acho que é você gostar daquilo, você sentir prazer naquilo e de querer separar seu tempo de treinar". Consequentemente, sustenta o mito desse discurso a ideia da meritocracia, haja vista que apenas 10% (dez por cento), como diz Gustavo, vão chegar a um patamar que realmente consegue realizar essa mobilidade de classe, enquanto os demais "ganham menos que um CLT".

No que diz respeito à produção discursiva do jogador como sujeito: o discurso não apenas constrói, mas também produz o sujeito enquanto jogador ao assujeita-lo pela ausência de melhores possibilidades, enraizado, assim, o jogador como aquele que "não [te] opção", o inserindo em um contexto no qual não houve alternativas de mobilidade que seja fora do

futebol, afinal, estão à margem da sociedade. Identificamos também que, para Foucault (2014), os discursos criam categorias de sujeito que definem quem esses sujeitos podem ser. Definindo, como aborda Pimenta (2020), quem aquele "negro e pobre" pode ser e os lugares que pode acessar a partir de uma lógica da exclusão. Como podemos notar, essas falas categorizam o sujeito jogador de futebol da seguinte forma: o jogador como alguém "pobre"; dotado apenas de um "saber do corpo" e cuja agência é reduzida à sobrevivência.

*JOGUE COMO HOMEM*

Nesta categoria discursiva, observarmos o futebol a partir da dinâmica das relações de poder, que fora instrumentalizada pelas torcidas que se fazem presentes nos estádios. Normalizaram e naturalizaram cânticos homofóbicos, racistas e misóginos nas arquibancadas. Desvelando, assim, uma lógica do futebol pautada no patriarcado, onde os comportamentos aceitos nesses espaços estão conectados a reprodução das masculinidades que marginalizam e excluem corpos que não correspondem com essa concepção de masculinidade no futebol (Pinto, 2014). Tal lógica se evidenciou nas entrevistas ao sempre mencionarem como foram as figuras masculinas que os levaram ao futebol, ao torcer e, por fim ao ser torcedor.

Essa atmosfera construída no futebol acaba afetando os jogadores enquanto suas subjetividades como observamos na entrevista de Richarlyson ao responder abertamente perguntas sobre sua sexualidade, muitas vezes contestado nos gramados por não performatizar e materializar as masculinidades que o esporte "exigia". Atualmente, como narrado e fora dos gramados, se posicionou quanto a sua sexualidade após anos de pressão sobre acerca da relevância de seu posicionamento, se assumiu "bissexual".

Percebemos, desta maneira, como as relações de poder atuam em caso similares a essa, em espacial as relações vindas das arquibancadas e o pressionavam, refletem até os dias atuais em sua constituição enquanto sujeito. Consequentemente, podemos observar instrumentalização do discurso a partir de uma ideologia de masculinidade hegemônica que o impactou ao fazê-lo se sentir inferiorizado no que diz respeito a sua sexualidade ao afirmar que gostaria que sua carreira fosse debatida por seu desempenho dentro dos gramados e não em relação as suas escolhas fora dele. Como ele mesmo pontua:

> a vida inteira me perguntaram se sou gay. Já me relacionei com homens e já me relacionei com mulheres também. Só que eu falo hoje aqui e daqui a pouco estará estampado a notícia: 'Richarlyson é bissexual'. E o meme já vem pronto. Dirão 'Nossa, mas jura? Eu nem imaginava' (ESPN, 2022, § 3).

Ao enfatiza os "memes prontos", ele exterioriza a sua percepção sobre as relações de poder mediante os discursos que o atravessaram e o marginalizam, bem como expressa o quão violento foi para ele esse processo de subjetivação. Desta forma, muitas vezes, reproduziram sobre ele, consciente e/ou inconscientemente, discursos machistas, homofóbicos, entre outros que estão atrelados ao conservadorismo do ambiente futebolístico para buscar o enquadrar em uma conformação do pensamento patriarcal da sociedade (Viana, 2010). Por fim, muitas vezes performatizou-se essas masculinidades em campo, acabando por promover essas "sociabilidades masculinas", a fim de ser aceito e não estarem expostos a tantas violências como o Richarlyson sofreu, não se restringindo a violências vindas das arquibancadas, mas a outros espaços promulgadores dessas sociabilidades, como bares que também se tornam um espaço da torcida.

*ATLETA CELEBRIDADE*

Atualmente vivendo na sociedade do espetáculo um discurso muito reproduzido ao longo das entrevistas foi a do jogador como celebridade. Ou seja, com o advento da espetacularização do futebol, em conjunto com a mídia, o futebol passou a produzir o fenômeno conhecido como atleta celebridade. Nessa fase do esporte, os jogadores são convertidos em personagem que se tornam, em essência, ferramentas de identificação para consumo. Desta forma, o torcedor é assume o papel de cliente e os jogadores e treinadores, nessa relação impulsionada pela espetacularização, se tornam mercadorias que tem por obrigação ser rentáveis para o mercado da bola (Da Silva & Schmidt, 2019).

Nesse sentido, a rentabilidade se vincula ao processo de objetivação discursiva do jogador em relação ao torcedor, resultando a emergência de um novo papel. Desta forma, esse discurso é articulando e rearticulando em seu modo de agir e reagir sobre as estruturas externas e internas (Butler, 2022) frente a esse novo papel de celebridade e um novo conjunto de prescrições que se sustentam em novas expectativas por parte dos torcedores. Assim, implementando novas dinâmicas na relação de torcedores com jogadores

Como explicita Tamires ao dizer que:

> [...] hoje os jogadores estão lá por dinheiro sabe [...] o futebol é comercial hoje em dia porquê [...] sem ligar pra nada, sabe, tipo perdeu a essência do futebol bom, sabe. Tudo agora é qual jogador que é mais caro [...] dá pra ver como hoje em dia o comercial que importa, é o dinheiro e não jogo mesmo, sabe, futebol em si.

Esse discurso está amplamente difundido, como podemos observar na fala da Angélica ao ser questionada sobre o que é ser jogador de futebol e responder: “Não sei. Hoje em dia acho que é nada, acho que é dinheiro”, assim confrontando o discurso de Gustavo que relatou que

> ser jogador de futebol acho que é um sonho da maioria dos homens da minha época. Hoje em dia acho que o mundo é cada um tem tantas esse sonho. Na minha época, era a maioria pelo menos. Se for dos meus amigos, tinha um sonho de ser jogador [...] no começo, óbvio que você não envolve dinheiro, envolve você ganhar um dinheiro bom, ajudar sua família. Quem é a maioria dos jogadores faz [...]

Esse discurso do comercial do futebol, se tornou mais evidente a partir de um processo de reterritorialização do futebol enquanto cultura e identidade nacional ao entra na fase de espetacularização do futebol. Como citado acima, os jogadores assumem papel de celebridades e o dinheiro se converte em um aspecto relevante na constituição do atleta (Ferrari, 2019; Da Silva & Schmidt, 2019). Como resultado desses discursos, a espetacularização do futebol, o jogador tornou-se uma celebridade, gerar rentabilidade por meio de sua imagem, bem como impulsiona a relação de identificação entre os jogadores celebridades, clubes e os torcedores.

## APITO FINAL

Esse estudo ao buscar desvelar os discursos dos torcedores que subjetivam os corpos dos jogadores de futebol descobriu algumas tensões discursivas derivas das contradições discursivas derivadas dessas oito (8) categorias discursivas que possibilitam a atuação dos elementos que nos torna inteligíveis, consequentemente, nos torna sujeito (Butler, 2022).

As principais tensões são:

**Tensão "vocação *vs* profissão"**: é sustentada no antagonismo discursivo da vocação *vs* profissão. Sendo a vocação definida, segundo o dicionário *Oxford Languages*, como "disposição natural e espontânea que orienta uma pessoa no sentido de uma atividade, uma função ou profissão; pendor, propensão, tendência" e a profissão definida como "trabalho que uma pessoa exerce para obter os recursos necessários à sua subsistência; ocupação, ofício". Nesse sentido, muitas respostas carregavam em si os conjuntos de normas prescritas pela coletividade da torcida impulsionavam essas tensões. Logo, observamos conjuntos de regras, normas e convenção sobre o que é vocação e o que é profissão disputando espaços de inteligibilidade nesses corpos por meio das relações de poder.

**Tensão "paixão *vs* mercadoria"**: nessa tensão, a existência reflete as disputas de poder que residem no antagonismo demarcado pela "paixão *vs* produto". Sendo a paixão, interpretada algumas vezes como vocação (se integrando a tensão anterior), mas que traz principalmente a ideia de vestir a camisas pelo time, de ter raça. No entendo, apesar do vínculo desenvolvido pelo jogador e torcedor, pode ser reafirmado ou corrompido diante da rotatividade do mercado da bola. Assim, essa tensão evidencia o choque entre a micropolítica da afetividade e a macropolítica estabilizantes das estruturas dominantes e hegemônicas (Rolnik, 2018). Consequentemente, ampliando a fronteira do campo da subjetividade onde o molar atuará nas formas e estruturas sociais, ou seja, atuar naquilo que caracterizamos como visível, estável, institucionalizado e normalizados (Rolnik, 2018). Referindo-se, então, à forma como os sujeitos, bem como as relações sociais são organizadas e classificadas dentro dos padrões de poder, identidade, função ou valor.

**Tensão "sacrifício *vs* privilégios":** no que diz respeito ao antagonismo protagonizado pelo "sacrifício *vs* privilégio". Essa tensão emerge dos sentidos atribuídos ao sacrifício e privilégio, bem como articulam e rearticulam os discursos produzidos por essa tensão. Compreende-se o sacrifício, segundo o *Oxford Langua*ges, como sendo a "renúncia voluntária ou privação voluntária por razões religiosas, morais ou práticas", enquanto privilégio é visto como o "direito, vantagem, prerrogativa, válidos apenas para um indivíduo ou um grupo, em detrimento da maioria; apanágio, regalia". Desta maneira, o jogador é discursivamente posicionado tanto como trabalhador disciplinado, submetido a renúncias, restrições e demandas de alta performance por meio do discurso, como também é o atleta que é acessa vários espaços, que o salário astronômico de poucos no futebol justifica o sacrifício de muitos, assim constituindo uma premissa de generalização e universalização de algumas dinâmicas.

Portanto, a partir das categorias discursivas dos discursos dos torcedores desvelamos, também, tensões que estão diretamente vinculadas ao processo de subjetivação dos jogadores de futebol enquanto sujeitos, enquanto jogadores de futebol. Assim, expressamos que essa investigação de delimitou em construir e interpretar os dados dos discursos de apenas um ator social inserido nesse complexo processo de constituição da subjetividade dos jogadores profissionais de futebol. Por fim, como sugestão para pesquisas futuras, indicamos que essa pesquisa seja replica com adaptações a outros atores que participem desse processo para aprofundarmos cada vez mais na constituição dos jogadores enquanto sujeito constituídos por diversos discursos de diversos atores sociais.

**Referências**


ABAL, F. C.; LODI, A. Futebol, política e identidades. **Diálogo**, n. 47, p. 1-7, 2021.

ABRAHÃO, B. O. de L.; SOARES, A. J. G. O futebol na construção da identidade nacional: uma análise sobre os jogos "pretos x brancos". **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 26, p. 47-61, 2012.

ALINO-SILVA, C. **Futebol em mesa de bar: o torcer na cidade de Londrina**. 2019. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.

BARBOSA, A. Direitos trabalhistas dos atletas de futebol: a aplicação da Lei Pelé e suas controvérsias em comparação à legislação trabalhista comum. **JusBrasil,** 6 fev. 2025. Disponível em: https://www.jusbrasil.com.br/artigos/direitos-trabalhistas-dos-atletas-de-futebol-a-aplicacao-da-lei-pele-e-suas-controversias-em-comparacao-a-legislacao-trabalhista-comum/3026933743. Acesso em: 25 maio 2026.

BUTLER, J. **A vida psíquica do poder: teorias da sujeição**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

CASIMIRO, S. **Um estudo das modalidades deôntica e volitiva nos discursos do presidente Lula.** 2005. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, 2005.

COUTINHO, Lucienne Ellem Martins**. Corpos alterados: gesto, performance e paixão entre torcedores do Paysandu**. Orientadora: Giselle Guilhon Antunes Camargo. 2023. 147 f. Tese (Doutorado em Artes) – Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém, 2023. Disponível em: Repositório Institucional da UFPA. Acesso em: 25 maio 2026

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley**. Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA**.** Torcedor. In: **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**. 2008-2025. Disponível em: https://dicionario.priberam.org/torcedor. Acesso em: 25 maio 2026.

DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA**.** Torcer. In: **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**. 2008-2025. Disponível em: https://dicionario.priberam.org/torcer. Acesso em: 25 maio 2026.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. 2. ed. Brasília: Editora UnB, 2016.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

GALAK, E.; ZOBOLI, F.; SALIBA MANSKE, G. Do corpo da biologia ao corpo da máquina: algumas considerações a partir do esporte. **Revista da ALESDE**, v. 12, n. 1, p. 57-73, 2020.

GLEESON, J. Judith Butler: ‘We need to rethink the category of woman’. **The Guardian**, Londres, 7 set. 2021. Disponível em: https://www.theguardian.com/lifeandstyle/2021/sep/07/judith-butler-interview-gender. Acesso em: 25 maio 2026.

HELAL, R. Idolatria e malandragem: a cultura brasileira na biografia de Romário. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação,** v. 26, n. 2, 2003.

JANESICK, V. J. Oral history interviewing: issues and possibilities. In: LEAVY, P. (org.). **The Oxford handbook of qualitative research.** Oxford: Oxford University Press, 2014. p. 300-314.

MAGALHÃES, M. I. S. Por uma abordagem crítica e explanatória do discurso. DELTA: **Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 2, n. 2, 2016. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/31247. Acesso em: 25 maio 2026.

OLIVEIRA, E. M. F. de. **A paixão como confronto: disputas discursivas sobre o ato de torcer.** 2018. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

PIMENTA, I. S. Racismo no futebol: o que a linguagem do discurso midiático pode nos dizer? **Sur le Journalisme**, v. 10, n. 2, p. 152-165, 2021.

PINTO, M. R. Torcidas queer e livres em campo: sexualidade e novas práticas discursivas no futebol. Ponto Urbe: **Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP**, n. 14, 2014.

RIBEIRO, R. R.; MARCHIORI, M.; VILAÇA, W. Faces e interfaces que se revelam nas práticas discursivas das organizações. *Líbero*, São Paulo, n. 26, p. 63-74, 2016.

RICHARLYSON fala abertamente sobre orientação sexual e dispara: "Nunca coloquei minha sexualidade à frente do meu trabalho". **ESPN** Brasil, 24 jun. 2022. Disponível em: https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_/id/10549702/richarlyson-fala-abertamente-sobre-orientacao-sexual-e-dispara-nunca-coloquei-minha-sexualidade-a-frente-do-meu-trabalho. Acesso em: 25 maio 2026.

ROLNIK, Suely. **Esfera da insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

THEOBALD, R. R.; SANTOS, M. J. dos; BRAMBILLA, F. R.; EBERLE, L**.** Sentimentos e emoções dos torcedores de futebol. **Revista Eletrônica de Administração e Turismo (ReAT),** v. 14, n. 2, p. 183-202, 2020

VEJMELKA, M. Futebol, política e identidade no Brasil. **FuLiA/UFMG**, v. 3, n. 1, p. 61-79, 2018.